

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

DÉBORA LORRANNE SOUSA COUTO

**UM ESTUDO SOBRE OS POSSÍVEIS FATORES QUE INFLUENCIAM NA
REPETÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA
PÚBLICA DA CIDADE DE ARAGUAÍNA – TO**

ARAGUAÍNA - TO
2016

DÉBORA LORRANNE SOUSA COUTO

**UM ESTUDO SOBRE OS POSSÍVEIS FATORES QUE INFLUENCIAM NA
REPETÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA
PÚBLICA DA CIDADE DE ARAGUAÍNA – TO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciado em Matemática.

Orientador: Prof. Msc. André Luiz Ortiz da Silva.

ARAGUAÍNA - TO
2016

DÉBORA LORRANNE SOUSA COUTO

**UM ESTUDO SOBRE OS POSSÍVEIS FATORES QUE INFLUENCIAM NA
REPETÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA
PÚBLICA DA CIDADE DE ARAGUAÍNA – TO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura
em Matemática da Universidade
Federal do Tocantins, como requisito
parcial para a obtenção de título de
Licenciado em Matemática.

Aprovada em ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc. André Luiz Ortiz da Silva.

Prof. Dra. Elisângela Aparecida Pereira de Melo

Prof. Dr. Sinval de Oliveira

Dedico com muito carinho, o fruto do meu esforço à minha família, ao meu namorado e aos meus amigos, pessoas que tanto amo e que sempre me apoiaram para alcançar este objetivo, e que incentivaram e torceram pelo meu sucesso.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, por tudo que tenho e sou, por ter me permitido a chegar aonde cheguei. A minha família que me incentivou a continuar seguindo meus objetivos com determinação e dedicação. Agradeço a Deus por mais uma etapa de estudo concluída em minha vida. Agradeço ao meu orientador pela dedicação que teve em ensinar com paciência, dando-me coragem para trabalhar sem medo e com esperança nessa etapa dos meus estudos.

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.” (José de Alencar)

RESUMO

Este trabalho teve como tema de investigação a Repetência Escolar, em específico a seguinte questão: Quais as possíveis causas da repetência escolar no Ensino Fundamental? Esse tema é abrangente e necessitou de um estudo para uma melhor compreensão da realidade educacional. Portanto tem-se por objetivo constatar as principais causas da repetência escolar e expor as dificuldades enfrentadas pelos alunos, família, professores e escola. Então fizemos um estudo sobre repetência escolar no ensino fundamental, a partir de pesquisas teóricas fundamentadas em questões do fracasso escolar, reprovação e repetência, como em características relacionadas à percepção dos alunos sobre a escola e o seu desempenho escolar. A pesquisa de campo foi realizada em uma escola pública da cidade de Araguaína - Tocantins e como instrumento de obtenção de informações, optou-se pelo questionário semi - estruturado. Com relação ao tipo de análise das respostas, optou-se pela abordagem qualitativa e quantitativa, e que como resultado, entendeu-se que são várias as causas da repetência escolar, dentre elas, ficaram evidentes: a necessidade do trabalho para contribuir na renda familiar; falta de acompanhamento da família, dos professores e de toda comunidade envolvida no sistema educacional; fatores vinculados à formação do professor; fatores sociais como o desemprego e desestruturação familiar. Considera-se que este trabalho contribuiu com a descrição das dificuldades enfrentadas pelos alunos e os profissionais envolvidos na educação escolar e a partir daí pode-se buscar maneiras de minimizá-las para poder auxiliá-los na sua superação, como por exemplo, alfabetização na idade certa, progressão continuada, mais participação da família, da escola e de toda a comunidade.

Palavras-chave: Escola. Aluno. Repetência escolar. Ensino Fundamental.

RESUMEN

Este estudio fue investigar el tema de la escuela Repetición, en particular, a la pregunta: ¿Cuáles son las posibles causas del fracaso escolar en la escuela primaria? Este tema es amplio y requiere un estudio para comprender mejor la realidad educativa. Por lo que ha tenido como objetivo encontrar las principales causas del fracaso escolar y exponer las dificultades que enfrentan los estudiantes, las familias, los maestros y la escuela. Así que hicimos un estudio de fracaso escolar en la escuela primaria, desde la investigación teórica sobre la base de los problemas de fracaso escolar, el fracaso y la repetición, como en las características relacionadas con la percepción de los estudiantes sobre la escuela y su rendimiento escolar. La investigación de campo se llevó a cabo en una escuela pública en la ciudad de Araguaína - Tocantins y como un medio para obtener información, optamos por el cuestionario semi - estructurado. Respecto al tipo de análisis de las respuestas, hemos elegido el enfoque cualitativo y cuantitativo, y como resultado, se entendió que hay varias causas del fracaso escolar, entre ellos eran evidentes: la necesidad de trabajar para contribuir a los ingresos familiares ; falta de seguimiento de familia, profesores y toda la comunidad involucrada en el sistema educativo; factores relacionados con la formación del profesorado; factores sociales tales como el desempleo y la desintegración familiar. Se considera que este trabajo ha contribuido a la descripción de las dificultades que enfrentan los estudiantes y profesionales involucrados en la escuela y desde allí se puede buscar la manera de minimizarlos con el fin de ayudarles a superarlos, como la alfabetización en cierta edad, la progresión continua, una mayor participación en la familia, la escuela y la comunidad.

Palabras clave: Escuela. Estudiante. fracaso escolar. Enseñanza fundamental.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fatores potencializadores da repetência.....	21
Quadro 2 – Repetência no Ensino Fundamental e Médio.....	22
Quadro 3 – Motivos de reprovação.....	23
Quadro 4 – Dificuldades em sala de aula.....	24
Quadro 5 – Fatores que influenciam na sala de aula.....	25
Quadro 6 – Características que levam ao fracasso.....	26
Quadro 7 – Motivos da desmotivação e desistência.....	27
Quadro 8 – Problemas enfrentados pelos alunos.....	28
Quadro 9 – A falta de busca por auxílio escolar.....	29
Quadro 10 – Relatos de dificuldades ou problemas familiares.....	30
Quadro 11 – Providências realizadas pela escola.....	31
Quadro 12 – Realização das providências.....	32
Quadro 13 – Resultados alcançados com as providências.....	33
Quadro 14 – Apontamentos dos profissionais da escola.....	34
Quadro 15 – Sugestões de soluções.....	35
Quadro 16 – Informações referentes a 2015.....	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CONCEPÇÕES TEÓRICAS E FORMAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	12
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICE A.....	43

1. INTRODUÇÃO

Apesar das várias possibilidades que o sistema educacional brasileiro oferece para a sociedade em relação às ações que visam melhorias na educação, temos ainda um índice de evasão, repetência e fracasso escolar, impregnados nos ambientes de ensino e de aprendizagem, gerando problemas para todos aqueles que estão envolvidos, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental, onde devem ser formadas as bases para os estudos futuros.

Desta forma, a motivação para a realização desse trabalho surgiu quando comecei a realizar as disciplinas de estágio supervisionado I, II e III, em uma escola pública da cidade de Araguaína, dentre os vários aspectos observados percebi que existe problemática de aprendizagem que leva a repetência no Ensino Fundamental. Delimitei o tema principal em torno da reprovação, não apenas na disciplina de Matemática, mas também em outras disciplinas.

Neste sentido, este trabalho teve como Tema de investigação a Repetência Escolar, em específico a seguinte questão norteadora: quais as possíveis causas da repetência escolar no Ensino Fundamental?

A partir dessa, decidi realizar a pesquisa de campo em uma escola pública da cidade de Araguaína, no estado do Tocantins, com uma investigação baseada em entrevistas informais com os alunos e em questionários com perguntas abertas, apresentados aos professores, coordenadores e orientadores, no intuito de elencar os possíveis fatores que levam aqueles alunos a repetência.

O trabalho estará dividido em fundamentação teórica, trabalho de campo, análise dos resultados e considerações finais.

Na fundamentação teórica delineei: a própria noção da repetência escolar, o desenvolvimento de um breve histórico do tema em estudo, as diferenças individuais e as práticas, com base em Nunes; Carraher; Schleimann; (2011), Moura; Silva; (2013), Koch; Hanff; Lemos (2007), Almeida (2010), Pastore (2016), além de orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), Plano Nacional da Educação (PNE), Lei de Diretrizes e Bases da Educação 94/96 (LDB), Regimento Escolar das Unidades Escolares (SEDUC), Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PACTO) e Constituição Federal (CF) de 1988.

Na análise dos resultados, apresento o estudo que foi realizado através de entrevistas informais com os alunos, professores, orientadores e coordenadores, em

busca de fatores que levaram os alunos a passarem por esse processo de multirepetência. Além das entrevistas informais, tivemos questionamentos feitos sem a identificação dos mesmos, professores, orientadores e coordenadores, onde esses questionamentos indagavam sobre os problemas vivenciados por esses alunos em diversos anos na escola pesquisada.

Nas considerações finais trago uma visão geral do que foi pesquisado e analisando, apontando os resultados obtidos. Através das análises, poderemos perceber alguns aspectos de como deve ser construída a educação, pois é algo que não se faz de um dia para o outro mais no decorrer dos anos com o comprometimento de todos. Só final do trabalho perceberemos que a educação necessita de alternativas políticas, administrativas e pedagógicas para que as situações de muitos problemas das escolas possam ser mudadas, de modo a minimizar os altos índices de repetência escolar.

2. CONCEPÇÕES TEÓRICAS E FORMAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O Brasil, enfrenta graves problemas na educação escolar, tais como: a falta de infraestrutura, a evasão e outros, dentre eles destacamos: a reprovação escolar, que faz parte do escopo deste trabalho, os quais até hoje não foram superados e tem estado presente nos discursos das políticas públicas.

A repetência tem sido um dos maiores problemas enfrentados pela escola e este consistir em ser o tema de estudos, que tem notado e se preocupado com essa dificuldade de desempenho dos alunos no âmbito escolar, onde destacam que um ensino de qualidade, deve priorizar a teoria e a prática voltada para a solução de problemas do cotidiano, assim como estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Título I, Da Educação,

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 2013b, p. 9)

A educação escolar é fundamental na complementação do desenvolvimento pessoal e social da criança e do adolescente, como está previsto na Constituição Federal (CF) de 1988, do capítulo III da Educação, da Cultura e do Desporto, seção I da Educação Art. 205

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p. 1)

Conforme estabelece o artigo acima, a educação: é um direito de todos, é um dever do Estado e da família, deve ser efetivada com o apoio da sociedade, no intuito de desenvolver o ser humano, prepará-lo para viver em sociedade e para o trabalho.

Podemos entender que a escola, os professores, os familiares e toda a sociedade, devem se comprometer com o sistema de ensino, conforme destacado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica,

Art. 27 Os sistemas de ensino, as escolas e os professores, com o apoio das famílias e da comunidade, envidarão esforços para assegurar o progresso contínuo dos alunos no que se refere ao seu desenvolvimento pleno e à aquisição de aprendizagens significativas, lançando mão de todos os recursos disponíveis e criando renovadas oportunidades para evitar que a trajetória escolar discente seja retardada ou indevidamente interrompida.

§ 1º Devem, portanto, adotar as providências necessárias para que a operacionalização do princípio da continuidade não seja traduzida como “promoção automática” de alunos de um ano, série ou ciclo para o seguinte, e para que o combate à repetência não se transforme em descompromisso com o ensino e a aprendizagem. (BRASIL, 2013a, p. 136)

Desta forma, devido à importância deste assunto é que as pesquisas têm sido realizadas no sentido de analisar o índice de reprovação no ensino público brasileiro, que ainda é considerado elevado e quais as possíveis causas. Ao cursar as disciplinas de estágio, percebi que além das possíveis problemáticas que os participantes da pesquisa poderiam citar, a partir da realidade vivenciada nos estágios, poderiam existir outros fatores que podem levar esses alunos a uma reprovação e a multirepetência.

Sendo que esses problemas poderiam não ser notados para aqueles que analisam apenas o mais óbvio, como indisciplina, excesso de conversa, brincadeiras fora de hora, falta de compromisso, dentre outros. Até então eu não havia analisado mais ênfase esses aspectos em minhas observações. Ao estudar um pouco mais sobre a problemática percebi como é complexo, e que essa multirepetência decorre de muitos outros fatores, como diz Moura; Silva (2013, p. 1) “A concepção semântica do termo reprovação está aliada à rejeição, condenação, incapacidade, em uma abordagem complexa e muito delicada, que nega um ideal de sucesso, angustiando todos os envolvidos no processo”.

Neste sentido, a fim de detalhar um pouco mais sobre as informações que observei durante todo o meu Estágio Supervisionado I, II e III realizado em uma escola pública da cidade de Araguaína no estado do Tocantins, destaco que ouvi de muitos alunos que estavam ali na escola porque sua mãe ou responsáveis os obrigavam, pois se fossem por eles não estariam na escola. De modo que, estudar não é uma prioridade para muitos desses alunos. Ouvir dos alunos que no mínimo bastava terminar o Ensino Médio, só para ter o diploma de conclusão e depois procurar um emprego qualquer, o que para mim é frustrante. Pois cada professor no seu devido dever, espera ampliar as oportunidades para os alunos e não as diminuir.

Muitos desses alunos, principalmente aqueles do Ensino Fundamental, que já repetiram o mesmo ano escolar por diversas vezes, se sentem no estado de

frustração, rejeição e incapacidade, pois já está na escola por um longo período de tempo, e percebe que não está progredindo, então não se importa e muito menos se preocupa em tentar melhorar.

No intuito de procurar quais as políticas públicas que estariam sendo planejadas para diminuir a repetência, ou ainda, que viessem a colaborar de forma positiva para que os alunos concluam essa etapa na idade certa, ao analisar as metas do Plano Nacional da Educação (PNE) 2014-2024, notei que meta tal, destaca que para o Ensino Fundamental, as seguintes indicações:

Universalizar o ensino fundamental de nove anos para toda a população de seis a quatorze anos e garantir que pelo menos noventa e cinco por cento dos alunos concluam essa etapa na idade recomendada, até o último ano de vigência deste PNE. (BRASIL, 2014, p. 33)

A partir dessas conversas informais com alunos, professores, orientadores e coordenadores, percebi que para que haja melhoria nessa situação não depende somente das políticas públicas, mas também de seus responsáveis, que se veem na necessidade de empregar seus filhos, por causa da sua situação financeira. Como confirma Nunes; Carraher; Schleimann (2011, p. 43),

[...] No entanto, os proponentes desta análise acreditam que a situação social e econômica das classe baixas é tal que os membros dessas classes não valorizam a educação, pois não lhe atribuem valor prático (Hoggart, 1957) e não podem permitir a seus filhos o “luxo” de uma educação prolongada diante de sua necessidade de empregá-los precocemente para contribuir para o sustento da casa.[...]

Como nessa escola há um grande índice de reprovação e repetência, com alunos que são multirepetentes, compreendi a necessidade de realizar um estudo sobre isso, pois mesmo com várias leis e projetos, ainda temos um grande número de reprovação, repetência e evasão escolar.

A postura que adoto é que querendo ou não esses três motivos estão interligados, sendo que a evasão escolar acontece quando o aluno deixa a escola por qualquer motivo e não mais retorna. Os dados sobre evasão são difíceis de conseguir, pois existe uma dificuldade grande para acompanhar o destino de cada aluno. Porém no estágio pude acompanhar de perto esses alunos em sala de aula, e conversando com professores, coordenadores e orientadores da escola, percebi que um dos grandes fatores ligados a evasão são por motivos financeiros.

Observando a escola comecei a procurar o que ela estava propondo para que esses alunos repetentes no Ensino Fundamental melhorassem e se desenvolvessem. E notei que, em relação a esses alunos que são multirepetentes, nada era feito efetivamente para alcançar uma mudança nesse quadro.

Desta forma, fiquei muito preocupada ao ver que uma das atitudes da escola com as turmas de sexto ano do ensino fundamental, que tinha um maior quadro de multi repetentes, foi o de colocar todos os alunos repetentes envolvidos no sexto ano que estudavam em turmas separadas como: 6ºano A, 6ºano B, 6ºano C e 6ºano D, em apenas uma turma de 6ºano, ou seja, a maioria dos alunos repetentes ficaram no 6ºano D com apenas alguns alunos regulares, enquanto os outros alunos ficaram nas outras turmas de 6ºano A, B e C.

Com essa atitude a escola procurou resolver a repetência, porém não houve uma grande diferença em integrar os alunos com dificuldades de aprendizagem e separá-los dos com melhor desenvolvimento de aprendizagem, poderia ocasionar em prejudicar os alunos com dificuldades aumentando a defasagem entre eles e os demais, como afirma nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013a, p. 120),

A enturmação dos alunos por idade e não por nível de conhecimento passou a ser uma alternativa ao que costumava ser feito quando as escolas dividiam as turmas de alunos em fracas, médias e fortes, as quais terminavam prejudicando especialmente os considerados mais fracos e aumentando a defasagem entre eles e os demais.

Podemos observar que a colocação desses alunos repetentes em uma única turma de 6ºano, não leva a aprendizagem, pois o muito do que se aprende na escola está ligado a interações dos próprios alunos. Então a mistura dos alunos regulares com os alunos repetentes das turmas de 6ºano, pode se converter em vantagens, favorecendo a ajuda entre os educandos, para incentiva-los obter um enriquecimento em seu convívio.

Nessa perspectiva a escola ainda oferecia de acordo com os orientadores, era aulas de reforço, solicitando os pais ou responsáveis para a comunicação da situação de seus filhos. Mas, percebi que esses programas oferecidos pela escola são pouco reformáveis para a vida desses alunos e isso não deve ocorrer, pois assim como propõe na Lei de Diretrizes e Bases (LDBEN), Capítulo III, da Educação Básica, Art. 22. “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando,

assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” (BRASIL, 2013b, p. 17).

Notei, que muitos dos professores estão sempre no comodismo, e não buscam nas tendências de ensino, métodos para melhorar a aprendizagem do aluno. Através das observações e convívio com os professores em meu estágio percei que dentre o quadro de professores da escola, são poucos os que tomam a iniciativa para identificar os motivos da não aprendizagem dos alunos e as possíveis soluções. Vários desses professores que atuam na mesma, apenas colocam a culpa dessas reprovações na escola. Mas esse problema não é “apenas” da escola, mas de todo um conjunto que faz parte da realidade socioeconômica-política, como diz Poppovic (1981 apud NUNES; CARRAHER; SCHLEIMANN, 2011, p. 46),

Adotar o enfoque institucional não significa, portanto, negar a existência de diferenças interclasses ou mesmo rejeitar explicações de natureza social, econômica e política para o fracasso escolar. Porém, as diferenças interclasses não são concebidas simplesmente como carência, mas como *diferenças de fato*, e as explicações em termos do sistema socioeconômico-político são consideradas insuficientes, uma vez que mesmo uma mudança do sistema não poderia ter resultados efetivos sobre a educação pois os educadores não dispõem do necessário “saber fazer”, como bem assinalou Poppovic (1981).

Constatei que a reprovação é um dos fatores que possibilita a interrupção dos estudos e conversando com os alunos informalmente, percebi que muitos deles, mesmo sem eles falarem literalmente, que, eles revelam sentimentos de desvalia, e uma construção de incapacidade e fracasso. E assim como diz Koch; Hanff; Lemos (2007, p. 8), “apesar de tudo muitos deles continuam na escola com a esperança de um dia serem aprovados”. Isso está em suas realidades.

Assim os alunos acabam sendo provocados a incorporarem tendências de carência cultural, culpando a si mesmos pelas reprovações escolares. Todos esses fatores estão virando uma cultura de repetência que está nas práticas escolares. No sentido contrário, a repetência geralmente não oferece para o aluno oportunidades de superar suas dificuldades de aprendizagem que vem acompanhando em sua trajetória escolar, e terminam por desmotiva-lo mais ainda, com grandes chances de uma reprovação novamente. Notamos que,

O que se observa é que as escolas públicas não vêem condições para uma ação pedagógica competente para reverter a situação dos/as

reprovados/as, evadidos/as e multirrepetentes. Nesse aspecto, Perrenoud (2003, p. 12), diz: A escola continua muito despreparada diante dos alunos que não têm interesse “em encher a cabeça de coisas inúteis” e que não percebem o poder e o prazer que esses saberes poderiam lhes trazer. (KOCH; HANFF; LEMOS, 2007, p. 8)

A aprovação dos alunos deve ser conectada as suas aprendizagens, e não apenas de aprovação automática ou reprovação, como ocorre em alguns casos em que os alunos são aprovados ou reprovados pelo conselho de classe. No Regimento Escolar das Unidades Escolares (Seduc), diz que

Art. 29. Cumpre ao Conselho de Classe:

I – determinar a adoção de procedimentos, deliberações e tomadas de decisão relacionadas ao desenvolvimento do aluno, visando à melhoria do processo de ensino e aprendizagem;

[...] VII – diagnosticar, analisar e avaliar as causas do baixo aprendizado, reprovação e desenvolvimento dos alunos, propondo medidas necessárias para garantir o seu acesso e a permanência com sucesso na UE; (TOCANTINS, 2016, p. 21)

Portanto, o conselho de classe não deve simplesmente fazer uma aprovação automática ou decidir apenas por méritos, se deve ou não passar de ano, mas a orientação expressa em tal documento é que este conselho deve sim buscar maneiras de investigar as causas da reprovação.

Na prática o que ocorre é que a escola quando chega ao final do ano, percebe que há um grande número de alunos que estão abaixo da média, eles aplicam algumas atividades de reforço, para que os alunos façam e assim eles atribuirão os pontos que ele precisa.

Mas percebo que os alunos vão para o próximo nível de escolaridade sem aprender e isso é mais um motivo pelo qual leva os alunos a desistirem da escola. Contudo temos uma alternativa que é a progressão continuada, que é uma extensão de algum tempo como um mês ou dois, no período escolar, necessário para que o aluno cumpra o ciclo letivo. Portanto, quando interpretamos o artigo 24, inciso II, alíneas a, b, c, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que diz,

Art. 24. A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

[...]II - a classificação em qualquer série ou etapa, exceto a primeira do ensino fundamental, pode ser feita:

- a) por promoção, para alunos que cursaram, com aproveitamento, a série ou fase anterior, na própria escola;
- b) por transferência, para candidatos procedentes de outras escolas;

c) independentemente de escolarização anterior, mediante avaliação feita pela escola, que defina o grau de desenvolvimento e experiência do candidato e permita sua inscrição na série ou etapa adequada, conforme regulamentação do respectivo sistema de ensino; (BRASIL, 2013b, p.18)

Conforme exposto no artigo acima, percebemos que poderá existir uma chance de aprovação com base em uma “avaliação feita pela escola que defina o grau de desenvolvimento [...]”, tanto para os alunos que tiraram notas baixas o ano todo, quanto para os que atingiram a média. Desta forma o aluno não reprova ou repete o ano, o aluno vai passando automaticamente pelos anos escolares, mas, sendo avaliado ao final de cada período, como afirma Almeida (2010, p. 1)

Progressão continuada, ao contrário, é um alargamento do conceito de período escolar, pois prevê, em vez de anos, ciclos. E aí é possível falar em ciclo letivo, com mais do que os 200 dias previsto na lei, e também em ciclo de aprendizagem do aluno - e esse pode ser de dois ou três meses, um semestre, um ou mais anos. Dividir o tempo escolar fugindo do calendário anual tem por objetivo aprofundar a concepção sobre o ensino e a aprendizagem.

Neste aspecto, vale ressaltar que as crianças e adolescentes tem formas e ritmos diferentes de aprender e algumas demoram mais do que outras, mas, todas podem chegar lá. As vezes alguns meses são suficiente para que esse aluno alcance uma certa maturidade ou supere algum problema familiar, fatores esses que influenciam em sua capacidade de interagir.

Deste modo percebemos que a progressão continuada é uma das estratégias que podem fazer com que os alunos permaneçam na escola e com isso reduzir a evasão escolar e a repetência. Assim como afirma no Regimento Escolar das Unidades Escolares (Seduc) da Associação de Apoio à Escola, temos:

Art. 33. Compete à AAE:
[...]XIV – acompanhar a evolução dos indicadores educacionais (frequência, promoção, aprovação, reprovação, evasão, distorção idade-série, aprendizagem, entre outros), identificando necessidades e propondo ações de melhoria;[...] (TOCANTINS, 2016, p. 23)

Portanto para garantir que ocorra a aprendizagem desses alunos, devem-se buscar construir estratégias pedagógicas para recuperar aqueles que apresentam dificuldades no seu processo de construção do conhecimento e para isso é preciso levar em consideração fatores que podem influenciar, tais como: a capacidade de permanência e conclusão escolar dos alunos, como também a qualidade de ensino

oferecida. Mas será que essa progressão existe em todas as escolas? Para responder a esse questionamento podemos nos reportar a Pastore (2011, p.1)

Em algumas redes públicas, como a estadual e municipal de São Paulo, a progressão continuada já é aplicada de forma obrigatória. Mas, na maioria das escolas brasileiras ainda prevalece a organização por séries: apenas 31% das escolas brasileiras adotam o regime de ciclos no Ensino Fundamental. Em São Paulo, 82% aplicam os ciclos, seguido por Minas Gerais (74,5%) e Mato Grosso (57,5%). Mesmo entre os Estados que adotam os ciclos, o número de etapas e a duração de cada uma podem ser diferentes.

O que compreendi com ênfase, nas observações de estágios, é que a família quase não tem envolvimento nenhum na vida dos seus filhos, sobrinhos, netos etc. A escola os contata para participar das reuniões, e eles em sua maioria não comparecem, e nunca estão a par das situações dos alunos. Então a orientação educacional tenta ao máximo resolver com o próprio aluno suas dificuldades escolares.

Além disso, há fatores que influenciam fortemente nesse índice de reprovação escolar no Ensino Fundamental, dentre os quais podemos citar: a falta de uma boa alfabetização e de conceitos básicos de Matemática. A passagem escolar dos alunos das series iniciais para o Ensino Fundamental traz grandes mudanças, e se alguns conceitos básicos não estiverem bem estabelecidos, os alunos apenas aumentarão suas dificuldades. Podemos complementar que o Plano Nacional de Educação (PNE) tem como em uma de suas metas a “Alfabetização das crianças alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do terceiro ano do ensino fundamental. ” (BRASIL, 2014, p. 33). Quando essas metas são cumpridas, há um grau elevado no desenvolvimento educacional do aluno.

Assim também a escola não pode ignorar os conhecimentos que a criança já adquiriu em sua formação até o momento, por isso muitos alunos são dez na vida e zero na escola, devido ao fato de que a maioria das vezes a escola ensino “formas diferentes” a aquelas que o aluno já aprendeu em sua vivencia e que no fim dos resultados são sempre os mesmos. No artigo 30 das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013a, p. 137) diz o seguinte:

Art. 30 Os três anos iniciais do Ensino Fundamental devem assegurar: I – a alfabetização e o letramento; II – o desenvolvimento das diversas formas de expressão, incluindo o aprendizado da Língua Portuguesa, a Literatura, a Música e demais artes, a Educação Física, assim como o aprendizado da Matemática, da Ciência, da História e da Geografia; III – a continuidade da

aprendizagem, tendo em conta a complexidade do processo de alfabetização e os prejuízos que a repetência pode causar no Ensino Fundamental como um todo e, particularmente, na passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade e deste para o terceiro.

Percebemos que os alunos vêm para o Ensino Fundamental II com essas dificuldades, pois em suas turmas anteriores não foram trabalhados tais componentes ou assimilados de forma efetiva. Suas dificuldades apenas aumentam com a falta de recursos próprios, como recursos financeiros que se remete a maioria das escolas e também a falta de base em algumas dessas escolas, para dar continuidade em seus estudos com bons desempenhos.

Porém, é necessário compreender que, os alunos podem enfrentar grandes dificuldades por não estarem bem alfabetizados. O processo de alfabetização e letramento, que deve ocorrer nas series iniciais e não devem ter interrupções. Principalmente aqueles que levam um pouco mais de tempo para a aprendizagem do que outros.

Esses problemas de alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental motivaram o desenvolvimento do PACTO (BRASIL, 2015), em busca da alfabetização desses alunos que não estão completamente alfabetizados. Portanto,

[...] é um compromisso formal assumido pelos governos Federal, do Distrito Federal, dos Estados e Municípios para assegurar a plena alfabetização de todas as crianças até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. Para o alcance desses objetivos, as Ações do Pacto compreendem um conjunto integrado de programas, materiais e referências curriculares e pedagógicas, disponibilizados pelo Ministério da Educação, que contribuem para a alfabetização e o letramento, tendo como eixo principal a formação continuada dos professores alfabetizadores. Essas ações são complementadas por outros três eixos de atuação: Materiais Didáticos e Pedagógicos, Avaliações e Controle Social e Mobilização. (BRASIL, 2015, p. 3)

Ainda que já dito em termos mais gerais, vale enfatizar que essa alfabetização deve ser realizada no início do Ensino Fundamental, para que não comprometa os outros anos seguintes da formação dessas crianças. Atendendo as especificidades do desenvolvimento infantil, com os procedimentos de observação e registros de atividades, seguidos de acompanhamento contínuo e de revisão das abordagens. A seguir no próximo capítulo trataremos da análise das respostas dos questionários e faremos discussões pertinentes.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir apresentaremos as perguntas presentes nos questionários, Apêndices: A, B e C, assim como as respostas obtidas. Desta forma, adotamos algumas siglas para utilização nos quadros presentes neste capítulo, tais como: resposta do coordenador (RC), resposta do orientador (RO) e resposta do Professor (RP).

No Quadro 1, mostraremos as respostas referente a primeira questão proposta, que constitui em querer saber: Quais os fatores que influenciam na repetência de um aluno na disciplina de matemática? E em outras disciplinas?

Quadro 1 – Fatores potencializadores da repetência.

Cargo na escola	Respostas
Coordenador	RC1: “O principal fator é o desinteresse e a falta de compromisso”. RC2: “A influência causada por problemas externos”.
Orientador	RO1: “A falta de interesse em aprender as quatro operações, ou seja, “soma, dividir, multiplicar e diminuir”. E a falta da rotina de estudos em casa”. RO2: “E mesmo a dificuldade em compreender e não tem concentração e não desenvolve atividades”. RO3: “Em matemática, acredito que é a falta de noções básicas, mas acredito que a falta de interesse de estudar pesa mais, pois se estudassem conseguiriam. As outras disciplinas acredito que é mais fácil entender os conteúdos se estudassem em casa”.
Professor	RP1: “A falta de dedicação dos alunos, fatores físicos, estrutura familiar”. RP2: “Sócio - econômicos, culturais, familiares e condições de trabalho dos professores”. RP3: “Um dos fatores que contribuem para a repetência é a infrequência e desinteresse de alguns alunos. Tanto em matemática, quanto em outras disciplinas”. RP4: “Não”

Fonte: Couto (2016).

A partir das respostas podemos observar que a maioria citou o desinteresse do aluno e a falta de revisão dos conteúdos em casa, como causa da repetência. Um dos orientadores educacionais destacou que existem alunos que não tem interesse e não se esforçam em conseguir compreender nem mesmo o básico, como as quatro operações fundamentais básica da matemática, que são conhecimentos necessários para entender e desenvolver outros conteúdos.

Desta forma, o que era para ser fácil e compreendido acaba tornando-se uma “bola de neve” e sempre é deixando para depois. De modo que o aluno é aprovado com um conhecimento mínimo e aquém do que está previsto, pois faltam, tem pouco compromisso com a escola e com seus próprios estudos. Conforme alguns relatos informais dos alunos, notou-se que tais faltas podem ser por motivos familiares, trabalho ou decorrente de outro fundamento, ou simplesmente faltam às aulas para ficarem de “bobeira”.

No Quadro 2, mostraremos as respostas referente a segunda questão proposta, que intencionou saber: Tem alguma diferença de repetência entre o ensino médio e o ensino fundamental?

Quadro 2 – Repetência no Ensino Fundamental e Médio.

Cargo na escola	Respostas
Coordenador	RC1: “Não. Pois cada conteúdo, tem sua qualidade e competência referente à do ano\serie”. RC2: “Sim. Porque no médio alguns trabalham”.
Orientador	RO1: “O ensino fundamental a repetência é mais e mais frequente que o ensino médio”. RO2: “Sim, muita pois os alunos do fundamental apresentam dificuldades bem maiores de adaptação e aprendizagem”. RO3: “Sim, há diferença. No ensino fundamental a repetência é maior”.
Professor	RP1= “Não. Os problemas são os mesmos, além da indisciplina.” RP2= “ Não.” RP3= “Sim. Nas series iniciais do ensino fundamental a repetência é menor que nos 9ºanos e que no ensino médio.” RP4= “A falta de interesse em aprender é uma das principais causas que os fazem reprovar; - A presença dos pais na vida escolar do filho; - A motivação, a maioria dos alunos não tem perspectiva quanto ao seu futuro; A falta de sonhos para realizarem fazem com que eles

	estudem só para estarem na escola convivendo socialmente.”
--	--

Fonte: Couto (2016).

De acordo as respostas dos coordenadores para essa pergunta, obtivemos duas respostas: não e sim, sendo que no Ensino Médio comentou-se que eles têm mais dificuldades, pois muitos deles trabalham. Porém se continuarmos analisando as demais respostas, percebemos que o contexto de dificuldade maior se encontra no Ensino Fundamental, pois os alunos reprovam com mais frequência e tendem a ter uma dificuldade maior de adaptação como diz a resposta do orientador RO2.

De acordo com as respostas de alguns professores, destacou-se, a falta de interesse, a indisciplina que se torna frequente entre os alunos, a falta da presença dos pais, que deveriam incentivar os estudos. Na realidade, conseqüentemente como muitos não são incentivados pelos pais, o que leva a desmotivação, sem sonhos e falta interesse por um futuro melhor em sua vida.

No Quadro 3, mostraremos as respostas referente a terceira questão proposta, que foi: Porque os alunos reprovam com grande frequência?

Quadro 3 – Motivos de reprovação.

Cargo na escola	Respostas
Coordenador	RC1= “Acredito que muitos alunos estão na escola por obrigação, mas desinteressados e sem compromisso.” RC2= “Trabalho e falta de acompanhamento dos familiares.”
Orientador	RO1= “Por a falta de acompanhamento da família.” RO2= “ Mais devido a dificuldades de aprendizagem e interesse mesmo.” RO3= “A maioria é a falta de interesse pelos estudos, afirmam que não gosta de estudar, só vem pra escola porque os pais mandam. Outro fator é a falta de acompanhamento dos pais.”
Professor	RP1= “Falta de objetivo.” RP2= “A reprovação com frequência se deve à condições de trabalho dos docentes e a outros fatores.” RP3= “São vários fatores que contribuem para a reprovação, o principal dele é o desinteresse por parte dos alunos e outro fator é a mudança de rotina com greves, e alterações no quadro de professores, principalmente com a falta de professores que acabam desmotivando os alunos.” RP4= “O calor, pois as salas não são climatizadas; O barulho causado pelos ventiladores;

	A bagunça e falta de interesse dos alunos; Excesso de alunos e precariedade de estrutura física para acomodar os alunos dignamente.”
--	---

Fonte: Couto (2016).

Analisando as respostas anteriores, percebemos que uma das causas de reprovação foi à falta de interesse e de acompanhamento dos pais. Muitos fatores decorrentes de questões familiares podem influenciar no rendimento do aluno no âmbito escolar. Outro fator que podem atrapalhar alguns desses alunos mais velhos é a necessidade do trabalho para a sua sobrevivência e para ajudar com despesas em casa.

Então mesmo que o aluno frequente para a sala de aula, que deveria ser um ambiente agradável, onde ele se sentiria à vontade e familiarizado com a aprendizagem, compreendemos que além do que já foram mencionados, fatores estruturais também acabam interferindo, tais como: as salas pequenas, apertadas e quentes suportando uma quantidade elevada de alunos; o ambiente escolar precário em vários setores; as greves dos professores; a troca no quadro professores constantemente, onde cada professor tem uma metodologia diferente, e acaba afetando o desempenho escolar do aluno.

No Quadro 4, mostraremos as respostas referente a quarta questão proposta, que foi: Quais são suas maiores dificuldades em sala de aula?

Quadro 4 – Dificuldades em sala de aula.

Cargo na escola	Respostas
Coordenador	RC1= “Sou coordenadora, mas sei que é desinteresse dos alunos.” RC2= “Estrutura das escolas e dos alunos que não são orientados pelos familiares.”
Orientador	RO1= “A maior dificuldade é indisciplina.” RO2= “O aluno que demonstra falta de interesse.” RO3= “A maior dificuldade é a indisciplina, depois a falta de um clima agradável, bem ventilado. O calor é intenso, pedem muito pra tomar água, dificultando a explicação dos conteúdos.”
Professor	RP1= “Despertar o interesse dos alunos pelos conteúdos.” RP2= “Falta de condições físicas e materiais.” RP3= “Alunos desmotivados, falta de material didático adequado; salas quentes sem ar condicionado, com ventiladores barulhentos entre outros.”

	RP4= “Crianças e jovens frequentando a escola sem motivação.”
--	---

Fonte: Couto (2016).

Com as respostas anteriores, verificamos que as maiores dificuldades desses professores e dos outros profissionais da educação, em sala de aula é a indisciplina e a falta de interesse. Nesses dois aspectos, a falta de um acompanhamento familiar influencia o aluno, mas também é destacado os problemas na estrutura física da escola, principalmente em sala de aula, que é o lugar onde os alunos passam mais tempo.

No Quadro 5, mostraremos as respostas referente a quinta questão proposta, que foi: Qual a realidade dos alunos em sala de aula?

Quadro 5 – Fatores que influenciam na sala de aula.

Cargo na escola	Respostas
Coordenador	RC1= “Desinteresse” RC2= “Dispersos”
Orientador	RO1= “Falta de compromisso pelos estudos.” RO2= “Alunos desinteressados, indisciplinados e que não demonstram interesse, isso boa parte dos alunos.” RO3= “Muitos alunos são criados com avós que tem idade avançada e não conseguem acompanhá-los na escola. Sem contar que não os obedecem, ficam muito na rua e desinteressados pelos estudos.”
Professor	RP1= “Alunos com falta de interesse, abalo familiar e outros.” RP2= “Desmotivação, falta de ânimo e assiduidade.” RP3= “Alunos especiais (com necessidades especiais) junto a alunos desinteressados, alunos que residem longe da escola, e o excesso de alunos em sala não climatizados.” RP4= “A falta de interesse em aprender.”

Fonte: Couto (2016).

Atinamos que na realidade dos alunos em sala de aula, de acordo com as respostas acima, predomina: o desinteresse, a indisciplina e a falta de compromisso, esses três fatores são os mais enfatizados, nas respostas dos coordenadores, orientadores e professor.

Dentre outros aspectos que estão ligados, para que pelo menos um desses três fatores que poderiam ocorrer, seria a falta de uma estrutura familiar, falta da

presença dos pais, e nesta escola existem também casos em que os alunos vivem com os avós, que não conseguem acompanhar seus netos e acabam ficando dispersos.

Nesta escola também estudam alunos com deficiência, os quais ficam em salas juntamente com todos os outros, porém não há um apoio diferenciado para esses alunos como a lei propõe. Alunos com deficiência devem ter um acompanhamento especializado, contudo na prática isso não ocorre, sendo que os professores relatam dificuldades em atender também esses alunos.

Algumas respostas evidenciaram novamente fatores organizacionais e estruturais, como: salas lotadas e não climatizadas acabam que contribuem para os alunos ficarem mais dispersos e dificulta o ensino do professor.

No Quadro 6, mostraremos as respostas referente a sexta questão proposta, que foi: Quais as principais causas do fracasso dos alunos e o baixo índice de aprendizagem?

Quadro 6 – Características que levam ao fracasso.

Cargo na escola	Respostas
Coordenador	RC1= “Desinteresse e compromisso.” RC2= “Acompanhamento dos familiares ou responsáveis, e a estrutura escolar.”
Orientador	RO1= “Causas: indisciplina, desinteresse, muitos não são alfabetizados, acompanhamento da família”. RO2= “Um deles é chegar no sexto ano sem ler e escrever alfabeticamente, não pegam o ritmo com facilidade e tem desmotivação para aprender.” RO3= “Falta de acompanhamento dos pais e a indisciplina na sala de aula.”
Professor	RP1= “Nem sei.” RP2= “Base matemática é fraca e também na língua portuguesa.” RP3= “A maioria dos alunos são de famílias sem estruturas, as vezes sem a figura do pai e/ou mãe. Sem acompanhamento em casa, os alunos não fazem atividades necessárias ao ensino-aprendizagem e tornam –se desmotivados para não terem o conhecimento básico para aprenderem os conteúdos aplicados.” RP4= “A maioria quando começam a trabalhar não consegue conciliar os dois e optam pelo trabalho; Outros desistem porque não querem mesmo estudar.”

Fonte: Couto (2016).

Novamente as três características são citadas, desinteresse, falta de compromisso e indisciplina. Uma das principais causas do fracasso dos alunos é chegar ao sexto ano do Ensino Fundamental II e não saber ler e escrever.

Como já foi mencionada, a falta de acompanhamento familiar influencia nesse aspecto, pois muitas vezes os alunos são ensinados em sala de aula a ler e escrever, porém a família tem que o dever de auxiliar na alfabetização de seus filhos, acompanhando e estimulando a realização das tarefas em casa. Esse problema também é recorrente com relação ao domínio das quatro operações aritméticas básicas na disciplina de Matemática.

Com isso, aqueles alunos que já sabem ler e escrever se desenvolvem melhor e avançam na aprendizagem de outros conteúdos; e os outros alunos acabam ficando para atrasados, o que causa o desinteresse e a desmotivação em querer aprender. Outros alunos começam a trabalhar e acabam deixando os estudos de lado, pois não conseguem conciliar, já outros alunos desistem, pois, pensam que não é tão importante assim estudar.

No Quadro 7, mostraremos as respostas referente a sétima questão proposta, que foi: Quais os fatores que levam a desmotivação e desistência dos alunos na escola?

Quadro 7 – Motivos da desmotivação e desistência.

Cargo na escola	Respostas
Coordenador	RC1= “Idem” RC2= “A estrutura das escolas, trabalho e consciência do real papel da escola.”
Orientador	RO1= “A desestrutura familiar, situação financeira, porque casam, gravidez, mudam de cidade ou bairro, etc.” RO2= “Desmotivação deve ser porque não sabem dominar a escrita e leitura e também falta de compreender conteúdos e os pais que não acompanham. Desistência ocorre mais no médio e no Eja por fatores econômicos e dificuldade de locomoção.” RO3= “No ensino fundamental é p desinteresse dos alunos e a falta de autoridade dos pais sobre os filhos. No ensino médio ocorre também a falta de interesse pelos estudos e a necessidade de trabalhar.”
Professor	RP1= “São muitos os fatores(variados).” RP2= “Vários fatores, são múltiplas variáveis.” RP3= “Falta de pré-requisitos para a série, transporte escolar, falta de professores e escola sucateadas e sem estrutura física adequada.”

	RP4= “Falta de política pública e interesse dos governantes em oferecer aos alunos uma educação de qualidade.”
--	--

Fonte: Couto (2016).

Podemos perceber que o coordenador 1, não disse nada em sua resposta, pois os mesmos fatores são atribuídos a essas consequências, devido estarem relacionados. Alguns desses alunos começam a trabalhar e acabam deixando a escola em segundo plano, não dando a ela a sua devida importância. A partir de conversas informais, os professores relataram que uma grande desmotivação acontece quando eles passam a não dominar as matérias, então se sentem fracos nos estudos.

A família ou responsáveis não prestam o devido reforço ou até mesmo os alunos não buscam por estudar e compreender melhor. Muitas dessas famílias já estão desestruturadas, conforme relatos dos orientadores, dentre as características citadas são: pais drogados, presos, separados e outros fatores que influenciam fortemente na família, como suicídio, abuso sexual e maus tratos.

Alguns desistem por não haver um transporte para ir à escola, ou acabam tendo filhos não planejados, assim antecipando um futuro que deveria ser só mais a frente, trazendo responsabilidades que ele deve assumir a partir desse dado momento. Neste aspecto, seria interessante ampliar as políticas públicas para melhorar essa situação.

No Quadro 8, mostraremos as respostas referente a oitava questão proposta, que foi: Porque os alunos passam por essas situações?

Quadro 8 – Problemas enfrentados pelos alunos.

Cargo na escola	Respostas
Coordenador	RC1= “O problema é social e familiar.” RC2= “Desestrutura na família e as escolas são sucateadas com material avariado.”
Orientador	RO1= “Porque a família não dispõe nenhuma estrutura e muitas se mudam em busca de melhorias.” RO2= “Acredito que fatores financeiros e familiares.” RO3= “Pelos desinteresse e condições financeiras.”
Professor	RP1= “É difícil afirmar.” RP2= “Os problemas econômicos, familiares e etc.” RP3= “Alguns desses problemas são inerentes da comunidade na qual o aluno está inserida e maioria depende de administração municipal e estadual.”

	RP4= (Não respondeu)
--	----------------------

Fonte: Couto (2016).

Pela análise das respostas, os alunos passam por essas situações devido a problemas familiares que ocorrem em suas vidas, e um dos problemas mais notados é o aspecto financeiro da família, pois quando não estão estabelecidos procuram melhores empregos e assim muitas vezes ficam mudando de cidades, e os seus filhos acabam mudando de escola mais de uma vez por ano. Os fatores financeiros também proporcionam consequências que interferem negativamente em seu desenvolvimento e aprendizagem.

O professor RP3 afirmou que alguns problemas são pertinentes a comunidade que o aluno está inserido, pois alguns comportamentos são bastante marcantes de acordo como ele vive. O que novamente, nos remete a falta de políticas públicas propostas pela administração municipal e estadual para que aja uma melhoria nessa dura realidade.

No Quadro 9, mostraremos as respostas referente a nona questão proposta, que foi: Os alunos procuram os professores ou algum profissional da área, pedindo algum tipo de ajuda escolar?

Quadro 9 – A falta de busca por auxílio escolar.

Cargo na escola	Respostas
Coordenador	RC1= “Raramente. Não tem interesse de crescer.” RC2= “Sim porém, os problemas são financeiros e familiares, o sistema educacional não oferece profissionais nas escolas para acompanhar esses estudantes.”
Orientador	RO1= “Raramente os alunos pedem ajuda escolar, para sanar suas dúvidas.” RO2= “Alguns sim, mas é muito raro, a maioria é encaminhados por professores ou os pais.” RO3= “A maioria nem procura o professor, são faltosos. Quando aparecem acham que o professor que deve lhes procurar.”
Professor	RP1= “Não. Eles dificilmente procuram ajuda.” RP2= “Normalmente não.” RP3= “As vezes, raramente procuram o professor ou a orientação escolar para pedirem ajuda para sanar problemas, principalmente porque lhes faltam conhecimento necessário para saber o que e como pedir.” RP4= “Dificilmente, talvez 0.1%”

Fonte: Couto (2016).

De acordo com as respostas, os alunos não procuram nenhum tipo de ajuda escolar, seja ela de: um professor, orientador, diretor ou qualquer outro profissional que está envolvido com a escola. Alguns alunos até chegam a conversar com algum professor ou orientador, quando se sentem confortáveis para essa situação.

Outros alunos só conversam quando os professores os encaminham para a orientação, que é lá onde esses profissionais tentam entender o que está acontecendo com os que estão demonstrando algum problema escolar. É nesse momento, que alguns se abrem e contam o que está acontecendo e até pedem uma solução, se possível. Porém como as características dos problemas não permitem que esses profissionais possam resolver a situação, esses alunos continuam a tentar enfrentá-los sozinhos.

Acredito também que os alunos não procuram ajuda, pois não sentem que é confiável tomar essa atitude. De fato, de que adiantaria ele se submeter a tal exposição pessoal se provavelmente não poderá resolver o seu problema? Contudo se os alunos procurassem mais a ajuda desses profissionais seus comportamentos teriam pelo menos uma mudança significativa, principalmente se conversassem com os professores para tirar suas dúvidas em conteúdos e tentar esclarecer suas dificuldades escolares.

No Quadro 10, mostraremos as respostas referente a décima questão proposta, que foi: Os alunos relatam alguma dificuldade ou problemas familiares com os professores ou algum profissional da área?

Quadro 10 – Relatos de dificuldades ou problemas familiares.

Cargo na escola	Respostas
Coordenador	RC1= “As vezes sim. Então são direcionados a coordenação.” RC2= “Para os professores que não tem muito o que fazer.”
Orientador	RO1= “As vezes sim, tem alguns relatos de problemas familiares como: desavenças, problemas com drogas, a falta de alimentação, doenças, etc.” RO2= “Alguns sim.” RO3= “Sempre relatam, dizem que muitos explicam mal e as vezes são grosseiros.”
Professor	RP1= “Alguns alunos se abrem a algum profissional, mais a maioria retém as informações.” RP2= “Sim as vezes.” RP3= “Sim. Os alunos sempre relatam problemas familiares,

	problemas de transporte, estrutura familiar e dificuldades relativas a saúde e financeiros.” RP4= “Sim”
--	--

Fonte: Couto (2016).

Com relação a esta pergunta, com base nas respostas compreendemos que os problemas familiares geralmente são relatados pelos alunos. Neste sentido, notamos que a família proporciona um ambiente de convívio tão importante que, o que eles passam em casa sempre reflete em suas ações e atitudes onde quer que estejam.

Assim como muitos dos professores e orientadores têm esse contato com os alunos, penso: será que esses profissionais estão capacitados para orientar devidamente esses alunos nessas situações de convivência familiar? Muitos são os problemas que a maioria passa e a escola para eles é até um refúgio. Assim a mesma deveria ter profissionais capacitados para essas situações, como psicólogos com experiência em solução de conflitos familiares.

No Quadro 11, mostraremos as respostas referente a décima primeira questão proposta, que foi: Quais as providências que a escola (professores, coordenadores, orientadores, secretários e diretor) faz ou procura fazer em relação a esse problema?

Quadro 11 – Providências realizadas pela escola.

Cargo na escola	Respostas
Coordenador	RC1= “Acompanhar junto aos familiares, fazer visitas e acompanhamento pedagógico.” RC2= “A equipe tenta remediar na medida do possível, mas muitos dos problemas ficam sem solução.”
Orientador	RO1= “Procuramos ajudar de acordo com nossas condições, seja ela financeira ou social.” RO2= “Organizamos sala de reforço. Acompanhante para alunos especiais. Conversas na orientação individual e coletiva com pais e alunos.” RO3= “A equipe faz reunião, com os pais, com as turmas, conversa individualmente com alunos e os pais, procurando solucionar os problemas.”
Professor	RP1= “Encaminham cada problema ao profissional preparado para isso.” RP2= “O que está ao alcance da escola e dos órgãos competentes.” RP3= “Tem problemas familiares que é caso de conselho

	<p>tutelar, nesse caso há um encaminhamento. Quando o problema é transporte, as vezes é necessário transferência para a escola próxima. Em alguns casos de problemas na aprendizagem há sugestão de aulas de reforço, acompanhamento pelos pais, presença dos pais na sala de aula, etc.”</p> <p>RP4= “Conversam com os pais e orientam a procurarem um profissional que possam ajudar a solucionar o problema.”</p>
--	--

Fonte: Couto (2016).

A escola faz tudo aquilo que está ao seu alcance, como reuniões com os pais e responsáveis, onde a maioria não comparece, mas o que eles fazem é mandar recados marcando reuniões individuais para falar de comportamentos do filho ou problemas que estão acontecendo, e somente os mais preocupados comparecem para as reuniões individuais.

A escola propõe sala de reforço e monitorias em outros horários, mais os alunos mesmo tendo muitas dificuldades não comparecem, só os alunos mais interessados participam dos reforços. Assim é necessário que os professores façam os reforços em suas próprias aulas, pois desta forma conseguem atender um quantitativo maior de alunos. Sendo que, os alunos que demonstram mais dificuldades são levados para a orientação ou coordenação, para conversas que possam mudar seus comportamentos. Assim cada problema é levado para os profissionais qualificados, tentando resolve-los.

No Quadro 12, mostraremos as respostas referente a décima segunda questão proposta, que foi: Essas providencias são efetivas? Realmente são praticadas?

Quadro 12 – Realização das providências.

Cargo na escola	Respostas
Coordenador	<p>RC1= “Sim, quando aceita.”</p> <p>RC2= “Quando a escola pode sim.”</p>
Orientador	<p>RO1= “Quando solicitadas sim.”</p> <p>RO2= “Sim, porém existem alguns que não participam integralmente dos reforços.”</p> <p>RO3= “Em muitos casos resolve, mas seria necessário espaço físico e pessoal para atender os alunos com disciplina.”</p>
Professor	<p>RP1= “Sim, na medida do possível.”</p> <p>RP2= “Não. Porque não depende somente dos professores da escola.”</p>

	RP3= “Sim. Embora nem sempre surtem o efeito esperado.” RP4= “Em alguns casos sim.”
--	--

Fonte: Couto (2016).

Com relação às providências tomadas, podemos ver que a escola faz o possível para que muitas delas sejam efetivadas em relação a essas situações. Quando os alunos e os pais aceitam e estão dispostos a ajudarem e participarem, elas trazem muitos benefícios ajudando-os. Infelizmente não são em todos os casos que os alunos aceitam ajuda ou estão dispostos a participar, trazendo como consequência seu mau desenvolvimento escolar.

No Quadro 13, mostraremos as respostas referente a décima terceira questão proposta, que foi: As providencias feitas, tem bons resultados? Quais?

Quadro 13 – Resultados alcançados com as providências.

Cargo na escola	Respostas
Coordenador	RC1= “Sim. Quando os familiares e alunos se propõe a mudanças.” RC2= “Resolve o problema de imediato quando se refere aos problemas econômicos.”
Orientador	RO1= “Tem casos que são solucionados os problemas, outros amenizados, outros encaminhados aos órgãos ou pessoas especializadas.” RO2= “Algumas sim, mais sempre necessário ambas as participações.” RO3= “Alguns resultados. Em muitos casos melhora a disciplina facilitando o professor da aula.”
Professor	RP1= “Nem sempre. Quando depende de resposta externa demora pra resolver.” RP2= “Não há relatos.” RP3= “Sempre temos bons resultados em parte, principalmente quando a família se compromete a fazer um melhor acompanhamento.” RP4= “Comprar um óculos pois o aluno tem dificuldade de enxergar e os pais não tinham percebido, resolve.”

Fonte: Couto (2016).

As respostas para essa pergunta ressaltam que quando os alunos e seus responsáveis estão dispostos a colaborarem, tudo ocorre bem e sempre se tem bons resultados; e que quando essas medidas são realizadas pela escola é mais fácil para que tudo ocorra bem com a participação de todos. Porém quando é

necessária uma resposta ou uma ajuda de algum órgão de fora da escola, então as providências demoram mais para serem realizadas ou até mesmo não são realizadas.

Portanto, como podemos ver as respostas acima, os resultados são bons quando os alunos pretendem realmente tentar e a família acompanha de perto. Assim eles melhoram na escola, em seus comportamentos e, portanto, melhoram em algumas disciplinas.

No Quadro 14, mostraremos as respostas referente a décima quarta questão proposta, que foi: Na sua opinião, onde e qual é o defeito de todo esse problema?

Quadro 14 – Apontamentos dos profissionais da escola.

Cargo na escola	Respostas
Coordenador	RC1= “Na educação familiar. Valores.” RC2= “Na estrutura do próprio sistema educacional que não oferece o que realmente esses jovens necessitam.”
Orientador	RO1= “A “família” porque ela é a base de tudo.” RO2= “Parcialmente é necessário um envolvimento maior da família e o interesse do próprio aluno.” RO3= “A indisciplina e os direitos excessivos que os alunos tem, só querem saber de direitos.”
Professor	RP1= “Não entendi.” RP2= “São número muito grande de alunos a falta de recursos dos órgãos competentes.” RP3= “Na realidade a escola enfrenta vários problemas e nem todos tem solução: - Defasagem idade/série: gera problemas de indisciplina e reprovação. - Salas cheias, sem climatização, com ventiladores barulhentos geram problemas de indisciplina e aprendizagem. - Professores não capacitados para trabalharem com alunos com necessidades especiais de visão, audição e outros transtornos. - Melhoria na estrutura da escola, com salas mais amplas e climatizadas. - Melhoria na acessibilidade e condições para atender alunos com necessidades especiais. - Espaço físico, pequeno e inadequado, deveria ser mudado para espaço mais amplo e planejado. - Professores auxiliares em sala de aula. - Espaços com laboratório de matemática, física, química e música. - Maior espaço de recreatividade e para a educação física. - Capacitação para professores poderem trabalhar com alunos com necessidades especiais.

	<ul style="list-style-type: none"> - Laboratório de informática para atender necessidades dos alunos. - Auditório escolar.” <p>RP4= “A falta de DEUS na vida de muitas dessas pessoas.”</p>
--	---

Fonte: Couto (2016).

Pela análise das respostas, percebemos que a família não tem muita participação na vida do aluno, assim ele fica muito disperso de seus deveres, acabando que ele próprio deixa de se interessar por seus deveres como aluno. Para complementar o aluno sempre acha que está com a razão e com tantos “direitos” que eles têm como afirma o orientador RO3, os alunos não podem receber uma reclamação, advertência que já querem saber de seus direitos perante a lei.

O coordenador CR2 afirma que o sistema educacional também não oferece para esses alunos o que realmente eles precisam, assim vem complementando as outras respostas dos professores que relatam a falta de recursos dos órgãos competentes. Essa falta de recursos desses órgãos a escola acaba enfrentando muitos problemas que foram descritos pelo professor RP3 em sua resposta. Esses problemas ficam em uma sala de espera e essa espera as vezes nunca termina, ficando assim muitos desses sem solução.

No Quadro 15, mostraremos as respostas referente a décima quinta questão proposta, que foi: Na sua opinião, o que deveria ser feito e o que deve mudar para resolver essa situação?

Quadro 15 – Sugestões de soluções.

Cargo na escola	Respostas
Coordenador	<p>RC1= “Envolver com projetos sociais os cidadãos. O problema é social não a educação. Apenas um segmento bom irá resolver.”</p> <p>RC2= “Uma reforma urgente no sistema educacional, com um currículo que atenda às necessidades dos educandos e escolas equipadas e estruturadas para atender esses alunos.”</p>
Orientador	<p>RO1= “Resgatar “a base familiar” ou seja, reestruturar as famílias, dando o mínimo que ela precisa para viver.”</p> <p>RO2= “Acredito que se a comunidade familiar fosse mais presente haveria maior probabilidade de melhora. Na minha opinião devem se criar uma escola para os pais aprenderem a ser pais de verdade, isso não generalizando, mais numa boa parte sim é necessário.”</p>

	RO3= “Acredito que deveria fazer uma reunião com toda a comunidade escolar, relatar em ata decisões e a equipe fazer cumprir as regras, pois tem muitos profissionais que atuam individualmente, dificultando o trabalho coletivo.”
Professor	RP1= “Não sei.” RP2= “São questões políticas que cabem ao estado. Os adolescentes carentes são desprovidos de políticas públicas que possam fornecer, melhores expectativas de vida. A escola não tem conseguido exercer o seu papel que é a promoção do indivíduo independente e bem-sucedido.” RP3= (Não respondeu) RP4= “A solução não seria resolver um problema. Reprovação e desistência sempre haverá. Acredito que a escola deveria ser para quem quisesse realmente estudar e pronto.”

Fonte: Couto (2016).

São muitas as perguntas que temos e poucas as respostas que queremos. Em meio a tantos problemas, tentamos fazer o máximo para pelo menos amenizá-los. Ficamos sempre refletindo sobre o que está errado ou o que está faltando para que a educação avance. Muitos desses professores propõem todas essas ideias acima.

As respostas citam questões recorrentes a família e a comunidade. Muitos dos responsáveis pensam que a responsabilidade de ensinar e educar as crianças, adolescentes e jovens é “apenas” da escola, e isso não é verdade. O espaço educacional se compõe por todo um conjunto de fatores, sendo que um deles é a família que tem uma grande parte fundamental na hora do acompanhamento, ensinamento e participação nas atividades escolares; e que tudo isso está ligado com a educação. O papel da escola é só uma parte, e a família também tem sua parte de responsabilidade na educação de seus filhos.

Quadro 16 – Informações referentes a 2015.

Ano	Reprovados no período matutino	Reprovados no período vespertino	Total de alunos matriculados
6ºano	Não há turma	34	124
7ºano	14	18	119
8ºano	15	16	143
9ºano	16	4	159

Fonte: Secretaria da escola.

Analisando o Quadro 16, podemos perceber que decorrente das grandes variáveis de problemas citados nos quadros anteriores, os alunos têm um grande índice de repetência. E pelos estudos e análise feitas em campo na escola, esses alunos não reprovam só uma vez, e sim, reprovam várias vezes, repetindo assim o mesmo ano algumas vezes, se tornando repetente.

Por minhas observações durante os estágios supervisionados e as regências realizadas, notei que esses alunos que reprovaram mais de uma vez foram os mesmos de anos anteriores, pois os outros reprovaram somente uma vez, devido à naquele ano eles terem passado por algumas dificuldades. Mas o que me chama a atenção para a problemática são os alunos que repetem três, quatro vezes o mesmo ano seguido. Podemos notar também que o maior índice de reprovação se encontra no sexto ano do ensino fundamental.

Nessa fase os alunos começam a deixar de ser crianças e passam a serem pré-adolescentes, e assim como sua própria mudança, o ensino também muda para uma cobrança um pouco maior. Então nessa transição os alunos sentem mais de dificuldades para adaptar-se, como podemos notar nas respostas anteriores dos professores e profissionais da área nos quadros acima.

Porém muitos desses, são alunos que desistiram de estudar por algum motivo, que voltaram a estudar e já estão com uma idade mais elevada do que a média da turma. Assim o seu desenvolvimento em sala de aula é diferente, o que pode ser motivo para que esses alunos tenham uma grande frequência de repetência.

Nas pesquisas realizadas na escola tanto com entrevistas informais como com questionários, de acordo com os entrevistados, professores, coordenadores e orientadores, os alunos reprovam porque não querem aprender. Alguns fatores que segundo os entrevistados levam a essa reprovação e repetência, é que na sua maioria os alunos são indisciplinados, desinteressados, ou pertencem a famílias consideradas defasadas culturalmente, falta de estímulo e interesse por parte do aluno, excesso de brincadeiras, idade avançada, ambiente não favorável em casa, falta de concentração, falta de domínio de leitura e escrita, interpretação de textos e das operações básicas de matemática.

Portanto, o que constatei foi que a escola que analisei, em minha visão percebe a situação crítica desses alunos, porém acaba afirmando que por causa de várias consequências isso é normal. Através dos questionários os professores,

orientadores e coordenadores apontam muitos motivos para que esse aluno chegue a esse ponto.

Porém o que me deixa a pensar, é que o tempo em que fiquei na escola, tanto estagiando como fazendo essa pesquisa, que duraram cerca de dois anos, não foi perceptível nenhuma mudança altamente efetiva. A escola propõe aulas de reforços, orientações com os alunos, dentro outros, mas que não fazem uma grande mudança para a maioria desses alunos repetentes. O quadro de repetência continua elevado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a toda essa pesquisa e análise das respostas, compreendi a necessidade de que a educação e sua qualidade devam ser construídas coletivamente, pois é algo que no decorrer dos anos se concretiza a partir do envolvimento e comprometimento entre todos de forma direta ou indiretamente. Isso significa entender que a educação é um grande processo de socialização de conhecimentos culturais, que vão se construindo, mantendo-se e transformando seus valores.

Assim, espera-se que a qualidade social da educação escolar, encontre alternativas políticas, administrativas e pedagógicas que possam garantir o acesso, permanência e sucesso desses alunos no sistema escolar, e não apenas visando os índices que apontam “melhoras”, mas pelo aprendizado efetivo.

Desta forma, compreende-se que o estado deve dar mais ênfase ao problema da repetência, que vem acompanhando por vários anos as escolas Brasileiras. É necessário entender também que a evasão e a repetência escolar são problemas da educação, que devem ser partilhados com a família e demais segmentos da sociedade para que não só a instituição de ensino seja responsabilizada.

Na pesquisa e análise feita na escola notamos que há vários componentes que contribuem para o fracasso escolar, como repetência e evasão. De acordo com os dados obtidos, as causas mais apontadas por professores, orientadores, e coordenadores para justificar esse fracasso escolar foram: indisciplina dos alunos em sala de aula, a falta de compromisso, necessidade de trabalhar para ajudar com o orçamento doméstico, falta de incentivo e acompanhamento dos pais ou responsáveis com relação aos estudos desses alunos. Mas podemos destacar também, o analfabetismo que acaba comprometendo o desenvolvimento do aluno, a estrutura da escola que muitas vezes não tem o necessário para promover uma melhor aprendizagem.

Nas pesquisas informais com os alunos repetentes, durante o período de estágio, foi que eles relataram a desmotivação pelo estudo, sempre dizendo que não estavam aprendendo, e que nunca iriam sair daquele ano que estudavam; que não gostavam da escola e que estavam ali por obrigação. Muitos desses alunos apresentavam indisciplina, e falta de empenho com seus deveres escolares. Esses

mesmo já vinham transferidos de outras unidades escolares, e já tinham uma idade mais avançada, do a maioria dos alunos na turma regular.

Percebemos também que a escola não adere medidas que realmente possam resolver a situação desses alunos, contudo, em sua maioria das vezes a escola mesmo não sabe por onde começar a realizar tal tarefa e diminuir a porcentagem de evasão e repetência.

Os esforços, propostos pelas leis, planos nacionais, pactos, projetos, regimentos e outras referências, são válidos, mas é necessário procurar sempre estratégias de melhoria, para socializar os conhecimentos de forma a garantir a presença e a permanência dos alunos na escola.

Neste sentido a escola também deve adotar formas de trabalho que proporcionem um encontro real da criança e seu desenvolvimento educacional em sala de aula. Dando a oportunidade de utilizar mais materiais que proporcionem os alunos maneiras de desenvolver o raciocínio, com o uso de recursos, explorando as suas características e funcionalidades, a fim de facilitar a aprendizagem.

Porém nossa tendência é apenas de culpar a escola como responsável por toda essa problemática, mas sabemos claramente que a responsabilidade não é apenas da escola, e percebemos isso, quando estamos em contato direto com ela, e os estágios supervisionados é um desses contatos.

Precisam, portanto, conscientizar-se de que a repetência e os diversos fatores que estão interligados, só atrasam essa formação. Além de apontarmos o fracasso escolar, também atribuímos à repetência no Ensino Fundamental a fatores metodológicos e sociais, ou seja, fatores relativos ao professor, ao aluno e à família.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. J. **Progressão continuada não é aprovação automática**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://novaescola.org.br/conteudo/287/progressao-continuada-nao-aprovacao-automatica>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Presidência da República/Casa Civil, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 10 nov. 2016.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: Ministério da Educação/SEB/DCEI, 2013a.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 8. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2013b. 45p.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação. Brasília**. Brasília: Ministério da Educação/SEB, 2014. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

BRASIL. **Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: Ministério da educação/SEB, 2015.

KOCH, Z. M.; HANFF, B. B.C.; LEMOS, G. **A Reprovação escolar: um desafio para as políticas educacionais**. In: Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação, 4. 2007, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/469.pdf>. Acesso em: 20 out. 2016.

MOURA, E. M.; SILVA, J. C. **Reprovação Escolar: Discutindo Mitos e Realidades**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.iftm.edu.br/proreitorias/ensino/permanenciaeexito/grupos/documentos/Texto%20-%20REPROVA%C3%87%C3%83O%20ESCOLAR%20DISCUTINDO%20MITOS%20E%20REALIDADES.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

NUNES, T.; CARRAHER, D.; SCHLEIMANN, A. L. **Na vida dez, na escola zero**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PASTORE, M. **9 respostas sobre a progressão continuada**. São Paulo. 2011. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/progressao-continuada-brasil-622270.shtml>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

TOCANTINS. **Regimento Escolar das Unidades Escolares**. Palmas: Secretaria da Educação/SEDUC, 2016. Disponível em: <<https://central3.to.gov.br/arquivo/272739/>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

APÊNDICE A – Questionário entregue aos professores, coordenadores e orientadores.

Questionário

Seu cargo na escola: _____

- 1- Quais os fatores que influenciam na repetência de um aluno na disciplina de matemática? E em outras disciplinas?
- 2- Tem alguma diferença de repetência entre o ensino médio e o ensino fundamental?
- 3- Porque os alunos reprovam com grande frequência?
- 4- Quais são suas maiores dificuldades em sala de aula?
- 5- Qual a realidade dos alunos em sala de aula?
- 6- Quais as principais causas do fracasso dos alunos e o baixo índice de aprendizagem?
- 7- Quais os fatores que levam a desmotivação e desistência dos alunos na escola?
- 8- Porque os alunos passam por essas situações?
- 9- Os alunos procuram os professores ou algum profissional da área, pedindo algum tipo de ajuda escolar?
- 10- Os alunos relatam alguma dificuldade ou problemas familiares com os professores ou algum profissional da área?
- 11- Quais as providencias que a escola (professores, coordenadores, orientadores, secretários e diretor) fazem ou procuram fazer em relação a esse problema?
- 12- Essas providencias são efetivas? Realmente são praticadas?
- 13- As providencias feitas, tem bons resultados? Quais?
- 14- Na sua opinião, onde e qual é o defeito de todo esse problema?
- 15- Na sua opinião, o que deveria ser feito e o que deve mudar para resolver essa situação?